

O bolchevismo hoje: lições, problemas, perspectivas (I) *(a propósito do centenário do II Congresso do POSDR)¹*

Tatiana Khabarova

Agosto de 2003

PREZADOS CAMARADAS,

Por estes dias comemoramos o centenário de um acontecimento cujo sentido consistiu no aparecimento, inicialmente na Rússia e em breve na cena política internacional, do primeiro verdadeiro partido **COMUNISTA**. I.e., um partido orientado não para o «*melhoramento*» do capitalismo, não para a antevisão de uma variante sua «*civilizada*», não para o compromisso histórico com ele, mas um partido que lançou abertamente o objectivo concreto do estabelecimento da ditadura do proletariado, da erradicação da propriedade privada, da eliminação de todas as formas de exploração do homem pelo homem, da construção da sociedade sem classes, da materialização dos ideais da justiça social, da igualdade e da fraternidade. E tratava-se verdadeiramente de um **PARTIDO**, não de um círculo, não de um grupo que partilhava as mesmas ideias políticas – por outras palavras, tratava-se de uma força política, de uma estrutura política capaz de lutar pelo poder.

Eis o que esteve por trás da cisão ocorrida no II Congresso do POSDR, designada até hoje de forma prosaica pelas palavras «*bolcheviques – mencheviques*» que não reflectem a essência da questão. O repto foi lançado não só à autocracia russa, mas também à própria formação socioeconómica capitalista, a qual, nesse tempo, estava longe de se afirmar plenamente e de atingir o seu florescimento, não só na Rússia mas por toda a parte no planeta. Muitos tendiam a considerar os esgares do capitalismo como uma doença de crescimento, que, alegadamente, desapareceria mal que o regime burguês amadurecesse. Porém, as mentes mais sagazes – como as dos fundadores da doutrina científica comunista, Marx e Engels e, na sua peugada, V.I. Lénine – logo nessa altura viram os vícios insanáveis deste sistema, a sua hostilidade imanente, como se diz nestes casos, aos interesses da gente laboriosa, o seu ca-

¹ Intervenção no clube político do Centro de Moscovo da Plataforma Bolchevique no PCUS, Moscovo, 14 de Agosto de 2003. Pela sua extensão e densidade optou-se pela publicação deste texto em três partes. (N. Ed.)

rácter predador irreversível. Previram todos os perigos e impasses civilizacionais que o desenvolvimento desenfreado do capitalismo acarretaria.

E procuraram mobilizar a parte honesta e laboriosa da humanidade – que designaram de proletariado – para a batalha decisiva contra o capital, e contra todo o passado explorador neste representado, muito antes de o mundo constatar, pelos seus próprios olhos, a justeza dos seus alertas. Muito antes de o capitalismo se apresentar às pessoas com a sua face actual – i.e., um poder técnico-militar sem precedentes, aliado a uma mentalidade antropoide simiesca.

Marx e Engels criaram para os trabalhadores a teoria e a ideologia da passagem revolucionária para a nova formação comunista, qualitativamente superior pelos seus parâmetros sociais. V.I. Lénine forjou e deixou nas mãos da classe operária a arma política, o instrumento político desta passagem – o partido proletário.

Eis o conteúdo geral deste momento histórico, ao qual nenhuma organização comunista, nenhuma célula comunista no mundo, pode deixar de ter em atenção.

Segundo Congresso: «a junção do líder e da organização»

Dediquemos ainda um pouco mais de tempo a reavivar alguns aspectos factuais bem conhecidos do II Congresso, os quais, numa situação em que praticamente está suspenso o ensino regular do marxismo no país, não estou certa de que todos se recordem deles assim tão bem.

Pois então, no I Congresso do POSDR, em 1898, em Minsk, V.I. Lénine não esteve presente, dado que tinha sido deportado para a Sibéria. Com o regresso de Vladímir Ilitch do exílio criou-se uma situação em que um homem, pela dimensão do seu intelecto e da sua vontade política, pelo grau de elaboração e profundidade das suas concepções, estava destinado, digamos assim, a tornar-se líder da revolução russa e da organização revolucionária russa – deste modo, tal homem apareceu como que por si próprio, assim como a organização surgiu por si própria. O que, naturalmente, não aproveitou nem ao líder nem – o mais importante – à organização, razão pela qual este intervalo entre o primeiro e o segundo congressos do partido ficou na história como o período da «*discórdia e das vacilações*».

Esta singular tarefa de «*juntar o líder e a organização*» foi resolvida por V. I. Lénine entre 1900 e 1903, através do seu célebre plano de criação do jornal político de toda a Rússia – o *Iskra* – e depois com a sua apresentação no II Congresso do POSDR. Porém esta tarefa devia ser resolvida **OBJECTIVAMENTE** e não porque fosse um desejo de Lénine tornar-se líder. Um grande político deve ter sempre uma noção clara do seu lugar **OBJECTIVO** no processo histórico, e deve empenhar-se em ocupá-lo, está **OBRIGADO** a lutar por esse lugar. E a chamada «*ambição*» não tem qualquer relação com isto.

«*Toda a actividade do Iskra enquanto grupo particular foi até agora uma luta pela influência, mas agora trata-se de algo mais, trata-se de consolidar organicamente esta influência e não só lutar por ela. (...) de que serviria todo o nosso trabalho, todos os nossos esforços, se viessem a ser coroados pela mesma velha luta pela influência, e não pela plena aquisição e consolidação da influência*».²

² *Um Passo em Frente, Dois Passos Atrás* (Maio de 1904), V.I. Lénine, *Obras Escolhidas* em três tomos, Ed- Avante! – Ed. Progresso, Lisboa – Moscovo, 1981, tomo 1, p. 301.

A base ideológica conceptual do *Iskra* estava no mínimo um nível acima dos preceitos teóricos da social-democracia «*pré-leninista*» de então, ainda em grande medida sob cativo do famigerado «*economismo*». Isto permitiu ao *Iskra* orientar-se com muito mais acerto no curso dos acontecimentos e, correspondentemente, fazer recomendações mais avisadas. A partir do Verão de 1902, os comités locais do POSDR começaram a assumir as posições do *Iskra*. Isto foi acompanhado pela aprovação de resoluções, nas quais os comités afirmavam, no essencial, a sua ruptura com o «*economismo*».

Deste modo, V.I. Lênine tinha todas as razões para não duvidar de qual seria o resultado geral de princípio do futuro congresso.³ No Congresso, que decorreu de 17 (30) de Julho a 10 (23) de Agosto de 1903, parte em Bruxelas, parte em Londres, estiveram presentes 43 delegados com 51 votos,⁴ dos quais 24 pertenciam aos companheiros de Lênine – *iskristas* «*firμες*» –, nove a *iskristas* «*moles*», que apoiaram Márto, dez votos estavam no campo pantanoso dos que vacilavam entre um lado e outro, e oito votos eram de oportunistas abertos: os «*economistas*» e os membros do Bund.⁵

O Congresso aprovou o Programa do partido, projecto escrito por G.V. Plekhánov e depois substancialmente alterado por V.I. Lênine, bem como os Estatutos igualmente elaborados por Lênine. No entanto é verdade que o parágrafo dos Estatutos sobre a filiação no partido foi aprovado pelo Congresso com a formulação vaga de Márto. Isto teve de ser alterado dois anos mais tarde, no III Congresso do POSDR. Depois de os oportunistas declarados terem abandonado o congresso – os representantes do Bund e da União de Sociais-Democratas no Estrangeiro – a maioria do Congresso passou resolutamente para o campo dos partidários de V.I. Lênine, obtendo uma vitória convincente durante o debate sobre a estrutura dos órgãos dirigentes, o relacionamento entre eles e a sua composição. A partir desse momento os marxistas-leninistas passaram a ser chamados de bolcheviques.⁶

A comparação do Manifesto saído do I Congresso do POSDR com o Programa do II Congresso permite ver a grandeza do passo em frente dado no II Congresso do movimento emancipador russo.

O Manifesto de 1898 limitava o partido, na prática, à participação na revolução democrática burguesa que se avizinhava e à conquista das «*liberdades políticas*» democrático-burguesas, de que a classe operária da Europa ocidental já dispunha nessa altura. A liberdade política é proclamada como «*condição fundamental*» para o êxito da luta do proletariado «*por melhorias parciais e pela sua emancipação final*».⁷ A tónica nas «*liberdades políticas*» induzia na ideia de que a ulterior «*luta pelo socialismo*» seria travada através da utilização ordeira destas liberdades, i.e.,

³ Idem, *ibidem*, p.

⁴ Cada comité do partido tinha direito a enviar dois delegados, mas alguns apenas puderam enviar um representante, acumulando por isso dois votos. (N. Ed.)

⁵ Trata-se da União Geral Judaica Operária da Lituânia, Polónia e Rússia, movimento socialista criado no final do século XIX no Império Russo, conhecido por Bund («*união*» em ídiche). (N. Ed.)

⁶ Da palavra russa *bolchinstvo* («*maioria*»). (N. Ed.)

⁷ Ver *O PCUS nas suas Resoluções e Decisões dos Congressos, Conferências e Plenários do CC*, parte I, Gospolitizdat, 1954, p.13.

pela via reformista. Em todo o caso no Manifesto não se falava de revolução socialista enquanto tal.

Ao contrário do Manifesto do I Congresso, o Programa de 1903 define claramente o «*derrubamento da autocracia tsarista e a sua substituição pela república democrática*»⁸ apenas como um momento subordinado da «*revolução social*» geral, cuja essência deverá consistir na «*substituição das relações de produção capitalistas pelas relações de produção socialistas*».⁹ Sublinha-se a necessidade do estabelecimento da ditadura do proletariado para esse fim – ideia que, na passagem do século XIX para o século XX, tinha sido retirada da ordem do dia por toda a parte pelos sociais-democratas ocidentais. É dada a devida atenção aos interesses e exigências do campesinato, ao passo que no Manifesto simplesmente não há uma palavra sobre os camponeses. As exigências dos operários perante a etapa democrático-burguesa da revolução são formuladas de forma incomparavelmente mais detalhada e circunstanciada, sendo todavia fácil de ver que parte destas reivindicações não se destinam, manifestamente, a terem uma real satisfação no quadro da etapa burguesa, têm antes um certo carácter «*estimulante*», impelem para a etapa propriamente socialista.

Na historiografia soviética do partido acentuava-se habitualmente a importância dos Estatutos fortemente centralistas aprovados pelo II Congresso, com base no princípio da estrutura e organização de toda a actividade de «*cima para baixo*». Penso, no entanto, que sem as «*firmes bases teóricas*»,¹⁰ como o próprio Lênine a definiu, propostas ao II Congresso para o funcionamento do partido, não seriam quaisquer artificios estatutários, quaisquer pretensões do centro relativamente a uma subordinação incondicional, que obrigariam alguém a subordinar-se realmente e transformariam o partido nesse organismo monolítico unicamente por meio do qual seria possível atingir os grandiosos objectivos traçados.

E todos estes objectivos – por muito fantasiosos e quase insanos que tenham parecido até aos companheiros mais próximos de Lênine, em diferentes momentos – todos eles foram concretizados brilhantemente num prazo histórico extremamente curto. A revolução democrático-burguesa na Rússia transformou-se impetuosamente em revolução proletária – e esta era uma ideia leninista completamente «*louca*», do ponto de vista dos dogmáticos do marxismo de então. A revolução socialista venceu e foi capaz de se defender num só país, tomado separadamente, da fúria de todo o capital mundial – outra pura «*loucura*» se víamos a teoria marxista como um dogma, e não como um guia para a acção. Mal houve tempo de olhar para trás para o campo do imperialismo e, no enorme território euroasiático – que o capital internacional há muito via como uma presa fácil – já se edificava uma superpotência inexpugnável, construída segundo princípios absolutamente impensáveis para a consciência «*normal*» burguesa e, para esta consciência, simplesmente inconcebíveis. Apesar disso, era preciso chegar a um entendimento com os dirigentes desta superpotência e comportar-se como se ali não estivesse a acontecer nada de anormal.

Nós, camaradas, subestimamos a visão caótica, o pesadelo, o inferno que era para a burguesia mundial o facto em si de existir ante os seus olhos este colosso socia-

⁸ Idem, *ibidem*, p. 40.

⁹ Idem, *ibidem*, p. 39.

¹⁰ *Um Passo em Frente, Dois Passos Atrás*, ed. cit., p. 239.

lista – a URSS, a qual, segundo todos os cânones da «*ciência*» exploradora e da moral não podia existir de forma nenhuma – e todavia, imagina lá tu, não só existe como espalha este contágio por todo o globo terrestre.

Basta apenas ver com que frenesim diabólico o imperialismo anglo-americano procura hoje destruir e, literalmente com um ferro em brasa, reduzir a cinzas todos os vestígios do socialismo que a seu ver permanecem no planeta. Imaginem o que terá sido para o imperialismo ter de suportar-nos a seu lado durante os 70 anos da União Soviética. E só autênticos titãs de mente, espírito e vontade poderiam ter projectado, edificado realmente e defendido durante décadas, no meio de um cerco explorador monstruosamente hostil, um tal baluarte do futuro comunista como foi a União Soviética.

A revolução realiza-se verdadeiramente apenas quando a classe revolucionária se torna classe fundadora do Estado

E todavia, esta não é a conversa que, em geral, se espera daqueles que, na nossa situação actual, se proclamam seguidores do bolchevismo, partidários e continuadores da tradição intelectual e política do bolchevismo. Não é o relato – por mais escrupuloso que seja – das peripécias que aconteceram no II Congresso do POSDR, à sua volta e depois dele. De nós esperam uma análise da razão pela qual, no centenário do Congresso, no 86.º aniversário da revolução que se aproxima e no 58.º aniversário da vitória do povo soviético na Grande Guerra Patriótica, que acaba de passar – por que razão comemoramos tudo isto sob a bandeira tricolor com as águias tsaristas e com um *gauleiter*¹¹ do neofascismo das transnacionais no Krémelin. Teremos isto por muito tempo ou será para sempre, existe saída da situação criada, vislumbramos alguma coisa do futuro ou estaremos presos mental e emocionalmente ao passado e simplesmente já não conseguimos descortinar nada do que temos pela frente?

A mais simples destas questões é a questão sobre as perspectivas, em particular sobre as perspectivas estratégicas bastante distantes.

Hoje são já poucas as pessoas com pensamento de esquerda que têm dúvidas de que o país não tem outro futuro senão o socialismo – o que significa também o comunismo. É perfeitamente claro até para o mais tolo dos tolos que a economia tem de estar sob o controlo do Estado – em todo o caso os seus sectores-chave – que as garantias sociais, que as pessoas usufruíam na URSS, devem ser não só restabelecidas mas também multiplicadas, que o Estado, a despeito de alguns clamores sobre a «*liberdade de expressão*», etc., deve conduzir uma política patriótica firme e determinada também na esfera dos meios de comunicação de massas, na esfera da cultura e muito em particular na esfera ideológica. Que o governo deve dirigir o país no interesse do próprio povo e da sua «*opção histórica*» e não no interesse da «*comunidade internacional*». E para isso tem de dispor de forças armadas poderosas equipadas com a técnica mais moderna e uma diplomacia que se bata por toda a parte no globo terrestre não pelos «*valores comuns da humanidade*», mas pelas nossas prioridades nacionais. E a tudo isto tomado em conjunto, resumidamente,

¹¹ *Gauleiter*, responsável político do partido nazi (NSDAP) e chefe administrativo das regiões alemãs e territórios anexados durante a II Guerra Mundial. (N. Ed.)

se chama socialismo ou, se quiserem, comunismo – entendido no plano do seu desenvolvimento histórico.

Ora, o bolchevismo não é outra coisa senão o sinónimo histórico-concreto russo consequente de comunismo. Não foi em vão que I.V. Stáline alterou o nome do «*partido dos bolcheviques*» para simplesmente partido comunista.

Com frequência no nosso país se contrapõe o bolchevismo a todo o não-bolchevismo, tal como se contrapõe uma corrente revolucionária do pensamento político a outra conformista, não revolucionária. Em geral isto é assim, mas aqui a essência da questão não está no revolucionarismo em abstracto. Entre os opositores de V.I. Lénine não haveria ninguém que negasse a necessidade da revolução democrático-burguesa na Rússia. O seu oportunismo não consistia em serem «*contra a revolução em geral*», mas no facto de o seu revolucionarismo não se estender até ao reconhecimento firme e unívoco da necessidade da revolução **SOCIALISTA**, proletária, até ao reconhecimento – como sublinhou V.I. Lénine – do principal na doutrina de Marx, a ideia da ditadura do proletariado.

O que é a ditadura do proletariado? A ditadura do proletariado é a **ESTRUTURA DO ESTADO QUE É PRÓPRIA** da gente de trabalho. Própria significa que não é como a estrutura do Estado democrático-burguês.

Foi aqui que se levantou uma barreira social-psicológica invisível. Na verdade o movimento emancipador da altura era constituído no fundamental pela *intelligentsia*, a qual, pela sua origem e posição de classe, não podia deixar de ser burguesa e pequeno-burguesa. O intelectual-revolucionário, o intelectual-democrata estava ardorosamente ao lado das massas oprimidas, e para as libertar da opressão estava disposto a ir para a prisão, a ser deportado e mesmo a subir ao cadafalso. Mas a *intelligentsia* entendia implicitamente a palavra de ordem da ditadura do proletariado como a exigência da entrega de todo o poder na sociedade a pessoas incultas e sem instrução. Sem dúvida que é preciso melhorar a vida dessas pessoas, mas para quê investi-las de plenos poderes, os quais não saberão exercer correctamente, por muita vontade que tenham?

Era preciso desenvolver um enorme trabalho ideológico-teórico que revelasse na sua plenitude o sentido essencial, transcendente, como se diz na filosofia, do conceito de ditadura do proletariado, e o depurasse de vulgarizações involuntárias ou mal-intencionadas.

Na verdade, a ditadura do proletariado não se trata de proletários com espingardas, ou mais simplesmente com moccas, em cada esquina, nem de cozinheiras nos ministérios. Trata-se de um tipo de estrutura estatal historicamente definido, que não é de todo primitivo, mas pelo contrário, é o mais desenvolvido de todos os que até agora existiram, o mais aperfeiçoado pela sua organização interna, extraordinariamente «*astuciosa*», complexa e subtil. Esta estrutura estatal está orientada para erradicar da sociedade até ao fim, completamente, todas e quaisquer formas de alienação do homem da vida económica, política, espiritual-cultural, para que todos **SEM EXCEPÇÃO** – uma das expressões favoritas de Lénine! – sejam inteiramente iguais em direitos, e também membros inteiramente responsáveis dessa associação, onde o desenvolvimento pessoal de cada um não contrarie, mas antes se identifique realmente com o desenvolvimento livre de todos.

Mas tal trabalho, com a amplitude necessária, estava ainda por fazer. Naquela altura o importante era consolidar um ponto de partida, e esse ponto de partida era a consciência extremamente clara de que a revolução sem a tomada do poder pela

classe revolucionária e sem a criação pela classe revolucionária precisamente da sua estrutura estatal, de uma estrutura que objectivamente lhe fosse própria – não seria uma revolução, mas apenas uma forma de enganar as massas, que se traduziria inevitavelmente numa tragédia para essas massas enganadas. Sem o seu Estado, como se não tivesse braços, a classe revolucionária não poderia concretizar os seus anseios, tal como não poderia defender as conquistas alcançadas directamente durante a revolução. A revolução verdadeiramente realiza-se apenas quando a classe revolucionária se torna classe fundadora do Estado e adquire essa qualidade sem quaisquer reservas e sem qualquer hesitação. Isto mesmo que pareça a alguém que o contingente revolucionário realmente existente não está preparado e que é inapto em absoluto para tal papel.

V.I. Lénine e os leninistas – i.e. os bolcheviques – compreendiam profundamente esta necessidade da **CONSTITUIÇÃO DO PROLETARIADO COMO CLASSE FUNDADORA DO ESTADO**. Os mencheviques não a compreendiam. Eis por onde passa a separação de águas entre o comunismo conseqüente e autenticamente científico do século XX e o comunismo inconseqüente, não científico, por outras palavras, o oportunismo. Eis o autêntico valor da presença ou da ausência da fórmula sobre a ditadura do proletariado nos documentos programáticos do partido revolucionário. São dois níveis qualitativamente incomparáveis do pensamento político. Um permanece inteiramente no século XIX, o outro pertence aos séculos XX e XXI.

A justeza histórica do comunismo leninista – o bolchevismo – foi brilhantemente confirmada ainda durante a vida de Lénine pela Grande Revolução Socialista de Outubro e pelos acontecimentos em seu torno: a marcha triunfal do poder soviético pelos territórios do antigo Império Russo, a derrota dos guardas brancos na Guerra Civil e o fracasso da intervenção imperialista, o início da reconstituição do Império destruído não pelos bolcheviques, mas pelos tristes revolucionários de então.